

EDITORIAL

Ao apresentar a seus amigos e leitores, o primeiro número de 1978, abrindo o seu terceiro ano de existência, **Reflexão** sente-se feliz em poder reafirmar a todos que continua no seu propósito de colaborar, embora modestamente, com a tarefa de manter acesa a chama do debate, da discussão e da vida filosófica em nosso país. Muitos obstáculos já foram superados, muitos outros se apresentam pela frente. Sem dúvida, o pior de todos, o mais sufocante, é o do peso da própria rotina de nossa vida acadêmica, a indiferença, a inércia e a descaracterização da nossa cultura. A universidade brasileira atravessa momentos difíceis, refletindo o impasse de nossa cultura. A rotina leva a melhor sobre o dinamismo, sobre a criatividade, sobre o esforço do pensamento crítico e engajado. Por toda parte, o **ethos** tecnocrático impera triunfante, não encontra a resistência que só poderiam oferecer as forças libertadoras do espírito humano, comprometido com um projeto histórico bem definido.

Dentro deste quadro, o Instituto de Filosofia da PUCR tem mantido um persistente esforço de reação: seja através de seus cursos de graduação e de pós-graduação em filosofia, seja através de seus cursos de iniciação filosófica e teológica nas outras faculdades e institutos, seja através desta revista, ou através de renovados intercâmbios. A missão está sendo cumprida dentro dos limites impostos pela precariedade de recursos.

Estas considerações servem de pretexto para reafirmar a todos aqueles que conosco partilham das mesmas preocupações, que suas críticas, suas sugestões, suas idéias e suas colaborações continuam sempre bem-vindas, por entendermos que o objetivo maior só será atingido na medida exata da união de todas as forças.

*

Abrindo este número, temos a imensa satisfação de apresentar aos nossos leitores o artigo de Roger Garaudy, "Da secessão do Ocidente ao Diálogo das Civilizações", texto de conferência que pronunciou nesta Universidade. Nele, o filósofo francês, sintetizando toda a história da cultura humana, analisa as grandes secessões do Ocidente, suas grandes recusas e a pretensão de sua hegemonia. Afirma então que é chegado o tempo do diálogo das civilizações, se o homem quiser sobreviver a seu próprio poder de tudo dominar e destruir.

Constança M. César retoma o itinerário de Jacques Gagey em **Analyse Spectrale de la Psychologie**, expondo a posição desse autor, constituída por um modelo interpretativo histórico-crítico das correntes e escolas que a psicologia provocou ao longo de sua formação. É recolocado assim o problema da busca da verdade do conhecimento psicológico mediante a crítica de seus fundamentos.

Ao discorrer sobre os fundamentos da ética nos quadros de uma reflexão existencial. Alvino Moser mostra que a filosofia se interessa, dentro de sua intencionalidade própria, pela busca do fundamento, no caso, pela instância última, em que se apóia o dever. Para o autor, esta questão é entendida como de nível existencial e é desta perspectiva que ele a analisa.

Wlademir dos Santos aborda um assunto importante para todos aqueles milhares de professores que, anualmente, são levados a fazer uma série de reuniões de planejamento. Diante das muitas críticas que tais reuniões suscitam, o autor se pergunta se elas ainda têm alguma validade no contexto de nossa realidade escolar e educacional.

Campo pouco explorado nos estudos filosóficos é o da significação filosófica da economia. Antônio Cavalcânti de Albuquerque propõe-se a explicitar alguns aspectos epistemológicos da ciência econômica, procurando indicar as principais falhas que comprometem seu estatuto científico, bem como o seu ensino.

Ivanize Prado de Vasconcelos tenta levantar e questionar os elementos que constituem uma concepção antropológica cuja categoria básica é a práxis. Após considerar a práxis como o móvel da consciência, mostra a consciência como fundamento da transformação do mundo humano, terminando com uma tentativa de caracterização do homem.